

ERA UMA VEZ... E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Cristiane Maria Magalhães

Professora doutora do Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado, cristmag@gmail.com

Resumo: Apresentamos o resultado das atividades realizadas durante o Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) “Era uma Vez... e a construção histórica”, que aconteceu entre os meses de abril e julho de 2008, na Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG – Centro Pedagógico. A oficina foi constituída por 27 crianças alfabetizadas dos três primeiros anos do Primeiro Ciclo de formação humana, com idades que variavam entre 6 e 9 anos. A oficina ocorreu uma vez por semana, no período diferente daquele em que os alunos tinham aulas regulares, durante implantação do projeto de Escola Integral no Centro Pedagógico da UFMG. A ideia para proposição do GTD surgiu das aulas de TI – Tópicos Integrados, em que a professora Cristiane Maria Magalhães, como Historiadora, percebeu as dificuldades das crianças do primeiro ciclo em identificarem as temporalidades da História. Notou-se, ainda, que muitas delas não conheciam a trajetória familiar e, ao mesmo tempo, não se viam como agentes produtoras de História. Assim, o GTD foi proposto para atender a esses requisitos e aceito pelo Ciclo Básico com a participação do professor Otávio, formado em Ciências, que além de agregar novos conhecimentos possibilitava trabalhar com um grupo maior de alunos.

Palavras-chave: Educação; História; Temporalidades; Pertencimento.

*Não mais educador do educando, não mais
educando do educador, mas educador-
educando com educando-educador.
Paulo Freire.*

INTRODUÇÃO

A oficina “ERA UMA VEZ... E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA” teve como objetivos norteadores a produção de material e de conhecimentos históricos sobre a própria história de vida das crianças. A ideia central era a de despertar a percepção das crianças para sua inserção na construção histórica e o papel social como produtores desta história. Era nosso intuito, ainda, estudar as histórias infantis para despertar o entendimento a respeito das temporalidades: passado, presente e futuro. A partir do contato em sala de aula, percebemos que as crianças não tinham entendimento das temporalidades históricas. Neste sentido, procuramos fazer com que elas próprias reconhecessem os aspectos históricos envolvidos nas histórias infantis estudadas, com capacidade de compreender as diferenças entre aquele mundo e o nosso.

Inspirados pela história "A Grande Aventura de Maria Fumaça", de Ana Maria Machado, os alunos construíram um livrinho em que cada vagãozinho era um membro da sua

família: avós, pais, irmãos, tios e o próprio aluno. O resultado final foi um livrinho com várias páginas em que cada uma delas contava a história de um membro da família da criança.



Alguns alunos realizando atividades – fotografia: Cristiane Magalhães, 2008

Um dos pressupostos foi trabalhar a disciplina História de forma lúdica e interessante para a faixa etária atendida, tendo como premissa básica a alfabetização dos alunos. As oficinas transcorreram num clima agradável de troca e de diálogo. As atividades eram construídas em conjunto professor e alunos, de acordo com o PCN de História e as concepções ensinadas por Paulo Freire. Para este educador, supera-se a relação vertical, estabelecendo-se a relação dialógica. O diálogo supõe troca, os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo.

Para Paulo Freire:

Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (FREIRE, 2005, p. 78)

Fundamentados na construção do conhecimento, no diálogo com o tempo presente e com a realidade que nos cerca, procuramos despertar nos educandos um olhar crítico para que eles se descobrissem construtores da história e da cultura, conforme reza o PCN de História para o primeiro ciclo: “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (PCN). Dessa forma, todas as atividades foram direcionadas para atender aos requisitos mencionados acima e aos objetivos da oficina.

METODOLOGIA

Foram combinadas leituras de histórias infantis, diálogos, desenhos, escrita e brincadeiras para a produção das atividades. Acredita-se que os alunos devem se familiarizar com os mais diversos esquemas de representação. O desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores de olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre o seu contexto social, histórico e cultural, pensados vividos e desejados. Gobbi afirma que os desenhos são documentos que nos permitem saber mais acerca dos sujeitos, e não somente isso, possibilitam-nos conhecer as percepções da realidade por eles vivenciados, não sendo percebidos como textos escritos, mas como textos visuais que podem ser olhados, sentidos e lidos (GOBBI, 2005).

Deste modo, durante a oficina trabalhamos a oralidade, por meio da contação de histórias infantis, e a os alunos faziam desenhos e escreviam a própria história.

DISCUSSÃO

Cademartori nos ensinou que o contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito, no entanto, para este trabalho um dos pré-requisitos era que as crianças estivessem alfabetizadas. Desde modo, elas próprias iam construindo suas histórias de vida.

Paulo Freire no seu livro “A importância do ato de ler” afirmou que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, por este motivo,

a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 09).

Para Paulo Freire escreveu que no universo imediato de sua vida fazia parte também a linguagem dos mais velhos, que expressavam as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores (FREIRE, 1989, p.10) enovelando-se numa teia de realidade imediata e contextos mais distantes narrados pelos livros.

Na constituição teórica deste trabalho, baseamo-nos em Paulo Freire, Lgia Cademartori, Vygotsky, entre outros, para a compreensão do universo das crianças e como elas poderiam perceber a questão temporal e de identidade com a própria história de vida.

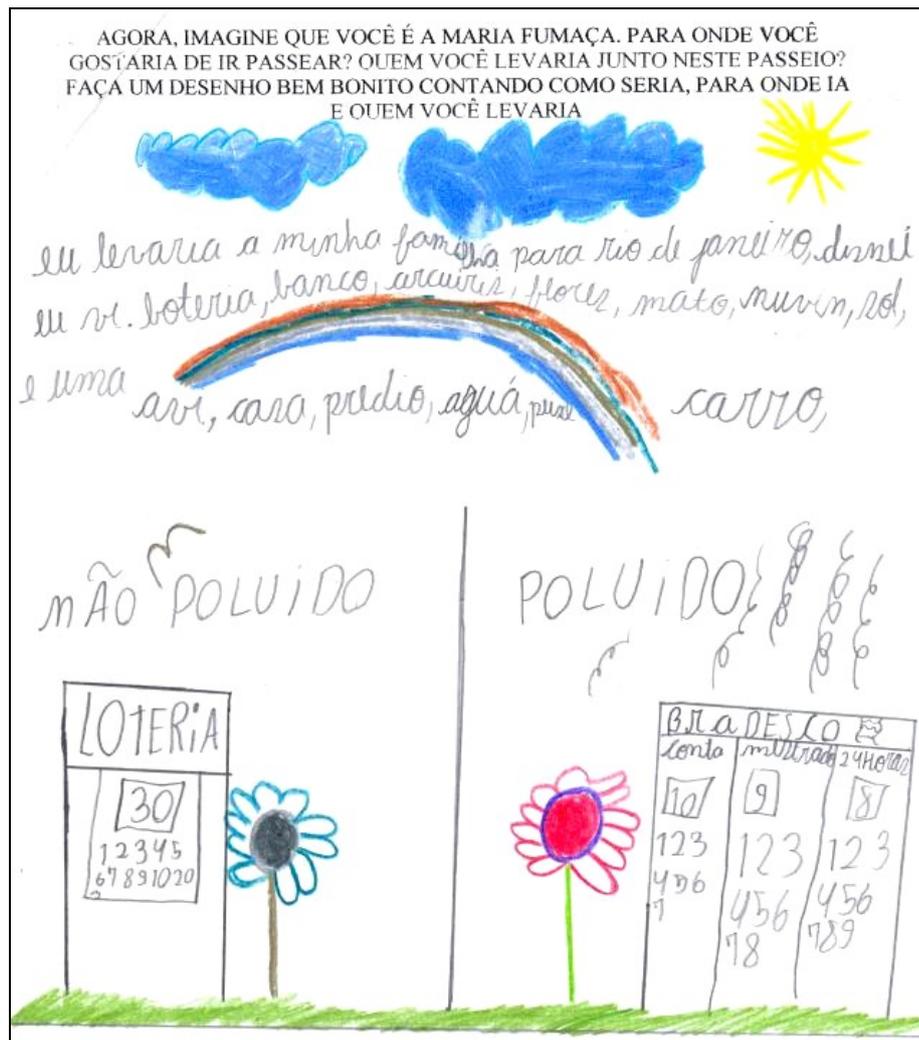
RESULTADOS

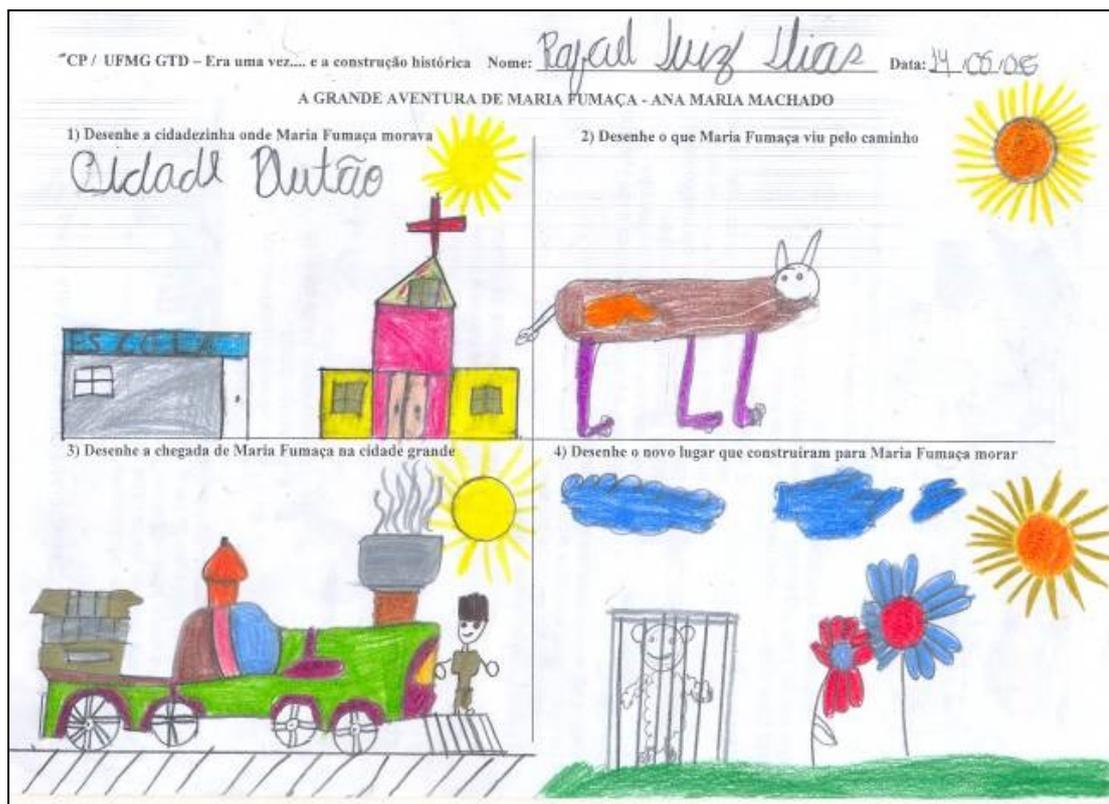
1) Investigação: Inicialmente, averiguamos quais histórias infantis os alunos mais gostavam e quais eles menos gostavam. Nesta atividade eles se expressaram através dos desenhos. Após a atividade, realizamos um diálogo, em círculo, onde as crianças justificaram os desenhos. Percebemos que muitas das histórias infantis “clássicas” não interessam mais às crianças. Por exemplo, várias disseram que as histórias que menos gostam são Cinderela, Branca de Neve e Pinóquio, inclusive as meninas. As motivações, disseram, era porque as heroínas Cinderela e Branca de Neve eram frágeis demais, inocentes e “bobinhas”. Quanto a Pinóquio, disseram que ele mentia e que não gostavam dele. Entre as histórias prediletas dos alunos apareceram algumas atuais como Hello Kitty, A Pequena Sereia, A roupa nova do Rei, etc.

2) Oralidade x Escrita: Conversamos sobre as questões da oralidade, do desenho e da escrita na história desde a antiguidade até os dias atuais. Introduzimos falando das pinturas rupestres e da pré-história, quando as pessoas se expressavam através dos desenhos e não da escrita. Em seguida, conversamos de onde surgiram as histórias infantis e como no início ela era contada e não escrita. Para ver se isso era uma boa maneira de contar histórias, foi realizada a brincadeira do “telefone sem fio”. Ao final, as várias versões da mesma história contada foram comparadas. Como atividade, as crianças desenharam como havia sido a manhã deles, sem palavras, apenas com desenhos, como faziam os homens na pré-história. Ao término, esses desenhos foram redistribuídos para os alunos que deveriam tentar adivinhar o que estava sendo representado. Neste momento surgiu a percepção sobre a necessidade de códigos que pudessem relatar um fato sem se perder (oralidade) ou sem ter duplo sentido (desenho). Dessa forma, trabalhamos posteriormente o conceito de representação e de verdade. Questionamos a relação de quem produz e de quem lê e o que lê? Buscando despertar o espírito crítico e questionador.

3) História: Os Três Porquinhos: Nesta atividade lemos a história dos Três Porquinhos por ser uma das escolhidas pela maioria dos alunos. Após a leitura da história, eles desenharam numa folha o ambiente onde os Três Porquinhos moravam e, em outra folha, como era o ambiente em que eles próprios moravam. Realizamos, em seguida, uma avaliação das diferenças dos ambientes e dos “tempos”. Eles fizeram as comparações e apontaram as diferenças temporais e espaciais. Esta atividade possibilitou aos alunos entenderem as diferenças entre o mundo dos contos de fadas e o nosso e conseguimos trabalhar as questões temporais: passado e presente.

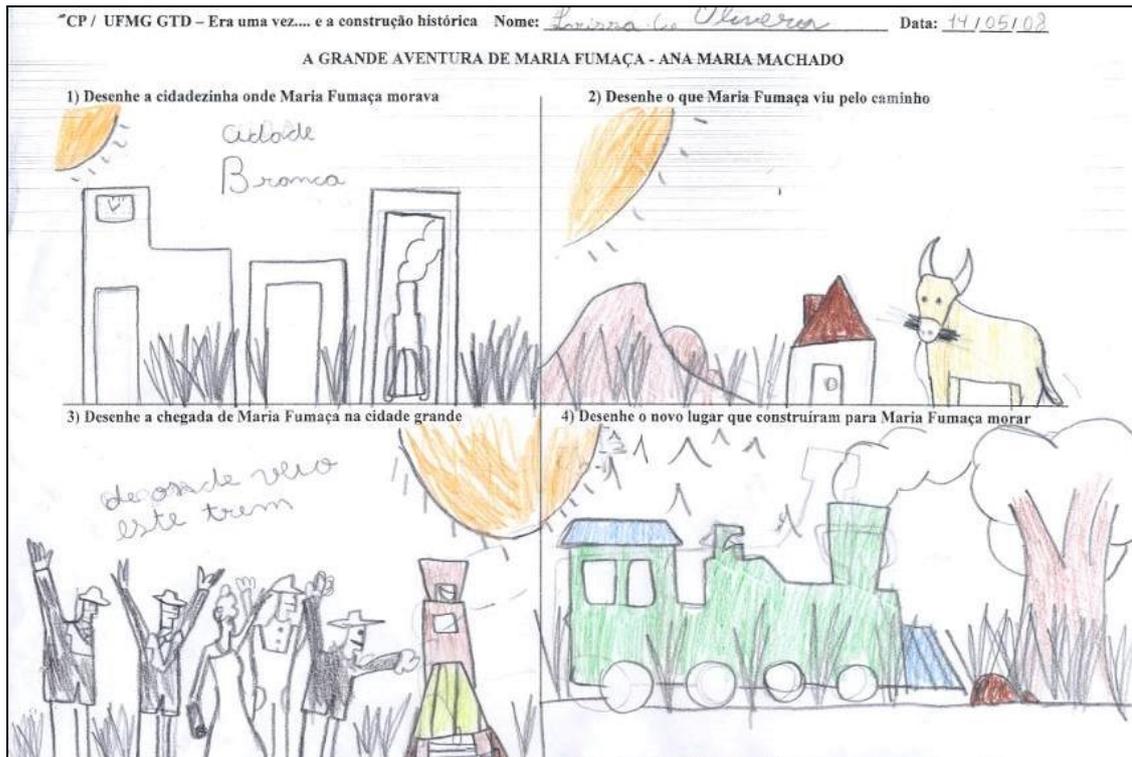
4) História “A Grande Aventura de Maria Fumaça”. Depois de introduzidas e discutidas as problematizações centrais do GTD e de instigar nas crianças as questões temporais e o espírito crítico, iniciamos o trabalho com a história *A Grande Aventura de Maria Fumaça*, de Ana Maria Machado, que foi o mote direcionador para a atividade final. A história possibilitou trabalhar paisagens, ambientes diferentes como campo e cidade, além da idéia dos vagões que podiam ser atrelados à locomotiva.





Atividades desenvolvidas pelo aluno Rafael, do 3º ano

Como atividade inicial, depois de trabalhar a história escrita – que os alunos receberam impressa, e contada, propusemos que produzissem quatro desenhos: 1) Desenhe a cidadezinha onde Maria Fumaça morava; 2) Desenhe o que Maria Fumaça viu pelo caminho; 3) Desenhe a chegada de Maria Fumaça na cidade grande e 4) Desenhe o novo lugar que construíram para Maria Fumaça morar. Os objetivos eram que os alunos criassem imagens mentais de paisagens diferentes, percebendo as mudanças de lugares e contrapondo o campo e a cidade.



Atividade mencionada no item 4, realizada pela aluna Larissa Cristina, do 3º ano

Posteriormente, eles fizeram a mesma atividade, porém, na forma escrita.

5) Entrevista “Para Casa”: Junto às atividades da história de Ana Maria Machado, enviamos como Para Casa uma entrevista na qual os alunos deveriam conversar com seus familiares a respeito da história da família, incluindo informações a respeito dos avós, nome, idade, onde nasceram, atividade profissional, o que gostavam de fazer, entre outros. Fizemos as mesmas perguntas a respeito dos pais e irmãos dos alunos. Na última parte, as informações eram a respeito das próprias crianças. Este Para Casa ajudou na construção do livrinho sobre a história da família das crianças. Elas sempre recorriam a ele para lembrar ou mesmo saber as informações desconhecidas. Ao final do GTD, quando questionamos quais atividades eles tinham gostado mais, muitas crianças citaram que havia sido este Para Casa, pois foi um momento de conversa com a família e conhecimento de histórias sobre os antepassados.

6) História de avó e avô: trabalhamos, ainda, uma das histórias do livro de Arthur Nestrovski, *História de Avó e Avô*, pois já estávamos no processo de construção das histórias de vida das crianças. As histórias deste livro narram a infância do autor e a relação e lembranças dele, quando adulto, em relação aos avós, num processo de rememoração. Durante esta atividade que foi basicamente de diálogo, convidamos uma senhora que estava no Centro Pedagógico para contar sobre as brincadeiras de sua infância e a relação dela com os avós. As crianças puderam, ainda, fazer perguntas a ela. Foi um momento muito

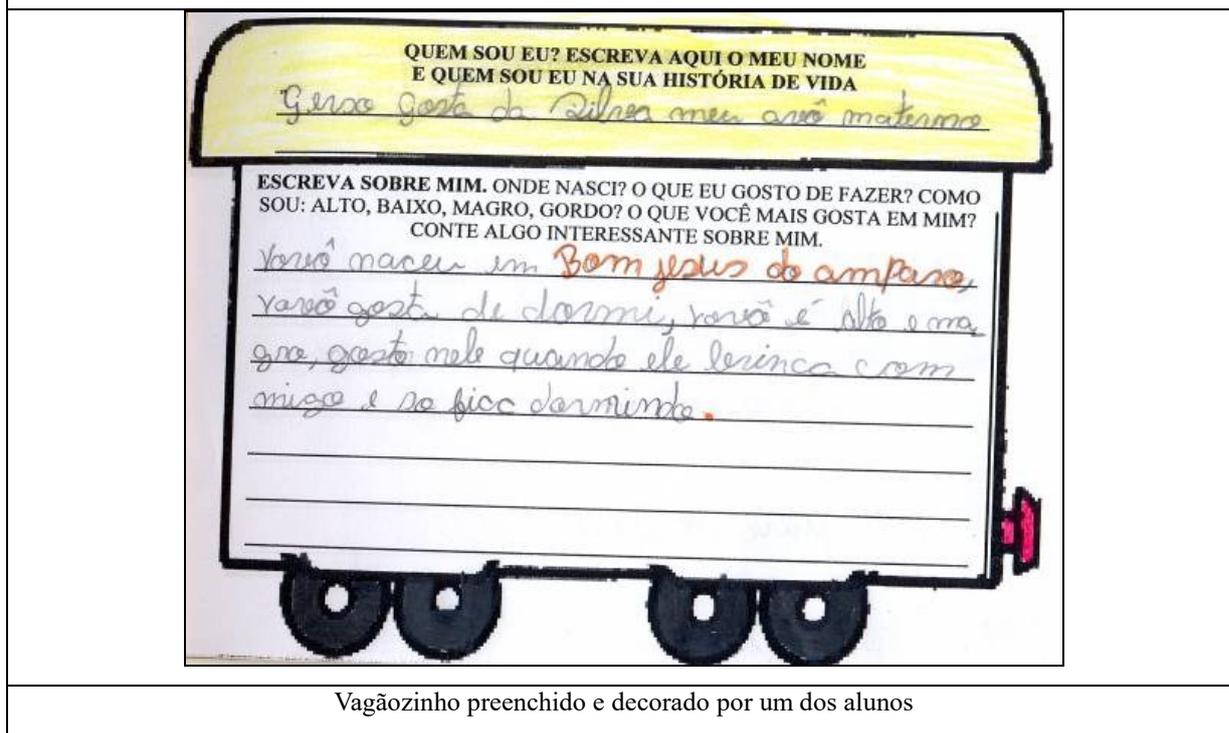
interessante, elas se envolveram com a atividade e fizeram muitas perguntas para a senhora que narra.

7) Confeção do livrinho: O resultado final do GTD foi a confecção do livrinho individual, em forma de locomotiva e vagões. Cada vagãozinho era um membro da família do educando, começando pelos bisavôs (quando tinham), os avós, passando pelos pais, tios, irmãos e o último era da própria criança. O livrinho tinha as capas dura e foi amarrado com fitas para unir todas as folhas.

Abaixo um modelo de um dos livrinhos prontos:



A capa do livrinho da aluna Maria Antônia do 2º ano. Confeccionado em material de capa dura.



Vagãozinho preenchido e decorado por um dos alunos

CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho percebemos como os objetivos eram alcançados. Durante as atividades que antecederam a construção da história, identificamos como a desconstrução, construção e reconstrução da história, seja um conto de fada ou história de vida, são importantes. Os alunos perceberam o surgimento das diferentes linguagens e representações e os seus múltiplos usos.

Outro fator que merece destaque é a motivação dos educandos durante o GTD. Ficou evidente como os contos de fadas e as histórias infantis, sejam atuais ou “clássicas”, ainda despertam o interesse, a imaginação e a criatividade das crianças.

Por fim, a nossa maior conquista foi ver que os alunos pouco conheciam sobre a própria história e tiveram oportunidade de se informar sobre as mesmas. O sentido de pertencimento a um lugar de nascimento, a uma família possibilitaram trabalhar temas transversais como educação patrimonial e também meio ambiente e consciência ambiental.

As informações sobre a família foram coletadas por meio de observação de fotos antigas, entrevistas e conversas com parentes, memorando e revivendo situações e momentos. A família foi representada do ponto de vista da criança e não dos adultos. O trabalho foi elogiado por várias famílias que afirmavam ter sido um espaço de diálogo muito especial com seus filhos. Muitos deles, nunca tinham se atentado para a história dos avós, dos tios e de sua própria história.

Com isso, acreditamos ter cumprido o nosso papel enquanto professores do Ensino Fundamental I, ensinando, educando, despertando o espírito crítico, criando laços de pertencimento e incentivando a criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro 2005 [1970]

GOBBI, M. **Por uma cultura da infância – metodologias de pesquisa com criança**. 2. ed. – Campinas: Autores associado, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **A Grande Aventura de Maria Fumaça**. 1989.

NESTROVSKI, Arthur. **História de Avô e Avó**. Coleção Memória e História. Companhia das Letrinhas, 1998.

BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.